

153

A JOANA D'ARC DE CRISTINA DE PISAN: RELIGIOSIDADE E ESCRITA NA LUTA PELA PÁTRIA. Luciano Costa Gomes, Cybele Crossetti de Almeida (orient.) (UFRGS).

As décadas de 1410-20 na Guerra dos Cem Anos foram de grande retrocesso para as forças francesas.

Uma de suas maiores derrotas foi o Tratado de Troyes de 1420, que representou um grande baque sobre as pretensões do delfim Carlos da França em suceder Carlos VI, ao considerá-lo como filho ilegítimo do rei. No entanto, muitos foram o que não aceitaram a legitimidade do Tratado, entre os quais Joana d'Arc. Afirmando-se e fazendo crer que era enviada de Deus, Joana nega o valor do Tratado e faz coroar o delfim Carlos, em 1429, tornando possível o renascer da ofensiva francesa. Acontecimento extraordinário, foi amplamente discutido quanto a sua legitimidade por romper com a visão medieval-estamental de mundo, na qual era impensável a ação política de um plebeu, ainda mais tratando-se de uma mulher. Entre uma de suas principais defensoras encontra-se Cristina de Pisan (ca.1365-1429), primeira teórica feminina e escritora profissional do Ocidente, que defendeu a inspiração divina de Joana e, por meio do exemplo da Donzela, o valor do sexo feminino. Em seu *Ditié de Jeanne d'Arc*, Joana é apresentada como a mais nova heroína nacional, semelhante aos líderes do Antigo Testamento. No poema há uma preocupação com a transmissão oral que torna clara não só a intenção de Cristina de Pisan de propagar suas idéias e sensibilizar seu público, como também de conservar a memória do acontecido para as gerações futuras, estendendo no tempo a glória de sua nação. Torna-se visível, desta forma, o caráter eminentemente político do poema, na medida em que Cristina pretendia interferir no conflito com a arma que possuía, sua pluma. O presente trabalho faz parte do projeto "Imagens da Joana d'Arc: Cinema, História e Literatura" coordenado pela Prof. Cybele de Almeida.